



CLIVE
BARKER

O
LADRÃO
DA
ETERNIDADE

Tradução de David Soares



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Introdução

O Bom Ladrão

*A vida perde o significado,
quando se perde a ilusão de que somos eternos.*

— SARTRE

Este livro intitula-se *O Ladrão de Eternidade*, mas como é que se pode roubar algo que não existe?

É pouco provável que se venha a encontrar alguma coisa deste mundo que dure para sempre. Nem sequer este mundo vai durar para sempre; no entanto, tal como se fosse uma introjecção inconsciente, continuamos a esperar pela eternidade, como se ela fosse uma recompensa adiada, e baseamos os nossos mitos, as nossas religiões, até as nossas políticas, na friável noção de que tudo o que nos rodeia vai durar para sempre.

Todas as mães, ao olharem para os recém-nascidos, pensam – nem que seja por uns instantes – que eles vão durar para sempre. No limite, que serão bebés para sempre. Mas toda a gente sabe (incluindo as mães) o que se segue: os rostos risonhos amadurecem e ganham os traços distintivos dos seus sexos; depois, às vezes mais tarde e às vezes mais cedo, enrugam e perdem toda a identidade antes de morrerem, cobertos pelas escaras da velhice. E desaparecerem, claro – subsistindo somente em fotografias

e em memórias que também irão desaparecer. A triste verdade é que não conservamos nada – nem sequer um átomo – daquilo que fomos quando nascemos. Nenhuma das nossas moléculas é a mesma; nenhum dos nossos órgãos. Tudo muda, tudo morre, tudo desaparece. Não há nenhuma eternidade para ser roubada.

Ou há?

Este livro, *O Ladrão de Eternidade*, é escrito por Clive Barker, um dos maiores autores de literatura fantástica; em especial de horror e fantasia negra.

É, em muitos aspectos, um livro atípico na sua bibliografia. Para começar, é, em maior espessura, uma história para jovens; independentemente das várias leituras que o texto permite. Em seguida, as personagens principais são crianças; algo invulgar na ficção de Barker, à excepção da personagem principal do conto “*The Skins of the Fathers*”, pertencente à hexalogia *The Books of Blood* (1984-1985), que também é um miúdo. Com efeito, o mundo de Barker contém muita nostalgia e muitas alegorias para o amadurecimento, mas nenhuma é veiculada por vozes infantis.

Publicado pela primeira vez em 1992, e depois da edição do ambicioso *Imajica* (1991), *O Ladrão de Eternidade* recupera com subtilidade alguns temas já presentes em *The Damnation Game* (1985) e *Weaveworld* (1987): o desejo de transcender a morte, aliado à cobiça pela eternidade; um mundo mágico escondido no nosso; heróis que, sob uma diferente iluminação, poderiam muito bem dar em vilões. Não é à toa que o Senhor Hood, o vilão de *O Ladrão de Eternidade*, se sente intrigado pelo herói Harvey Swick, o novo miúdo que acaba de chegar à sua estupenda Casa de Férias, um local onde é Primavera de manhã, Verão durante a tarde, Outono ao crepúsculo e Inverno a noite toda – *todos os dias*. Mas “as tendências do coração humano são más, desde a juventude” (*Génesis*, 8:21) e as do Senhor Hood não passam, de todo, por entreter os pequenos convidados.

Embora *O Ladrão de Eternidade* esteja a grande distância do *splatterpunk* de *The Books of Blood*, *The Damnation Game* e *The Hellbound Heart* (1986), é, sem dúvida, um livro que só podia ter nascido da mesma cabeça que sonhou esses pesadelos. Nesse sentido, a sua genética é admirável, sendo que o melhor exemplo dela é a variação que apresenta de uma velha obsessão autoral de Barker: o verdadeiro mau-da-fita é sempre a encarnação do vazio; uma presença que, sabe-se lá por que más artes, não é senão ausência-viva. E, por sê-lo, possui uma fome aterradora...

No final de *The Damnation Game*, por exemplo, o poderoso mago faustiano Mamoulian é morto pelo seu esbirro, que o retalha em milhares de pedacinhos: numa fabulosa apoteose, estes continuam vivos, porque Mamoulian vencera a morte há muitos anos e não pode morrer. No final, Mamoulian já não é nada – nada a não ser, claro está!, fiapos descaracterizados – mas continua vivo. “Até um Diabo é preferível à ausência”, pensa, às tantas, o protagonista desse romance. Percebe-se que existe uma monomania no universo barkeriano, que remete para a personificação do mal que é melhor representada pelo monstro de Frankenstein: um antagonista feito de pedaços; sempre incompleto, sempre vazio e cheio de fome de ser mais humano do que alguma vez poderá ser. Mas se o monstro de Mary Shelley não é verdadeiramente mau, apenas ingénuo, os de Barker são-no. Querem o nosso sangue, a nossa carne, a nossa alma. O asqueroso Senhor Hood, misterioso mestre da fascinante Casa de Férias, respeita a regra.

Li *O Ladrão de Eternidade* algures entre 1998 e 1999, num período em que estava a enviar ficções de minha autoria às editoras. Lembro-me que enviei um manuscrito intitulado *Coração de Hiena*, uma antologia de pequenas ficções, num estilo que, à distância, designo como sendo uma ficção de horror devedora de Léon Bloy, Joris-Karl Huysmans e William S. Burroughs. E Clive Barker, claro.

Antes de ter lido *O Ladrão de Eternidade*, já lera *The Books of Blood*, *The Damnation Game*, *Weaveworld* e *Cabal* (1988). Na verdade, o primeiro livro de Barker que li em inglês foi *Cabal*, adaptado ao cinema dois anos depois com o título *Nightbreed*. Em português já tinha lido *O Jogo da Maldição*: tradução de *The Damnation Game*, editado em dois volumes, na coleção Pêndulo, pelas Publicações Europa-América. Lembro-me de estar a ler *O Ladrão de Eternidade* à mesa de um café e de estar com receio de que o meu livro de horror *Coração de Hiena* fosse recusado pelas editoras às quais o enviei. E foi.

E no entanto...

Como disse, nada dura para sempre. Nem os dias negros.

Enquanto lia *O Ladrão de Eternidade* à mesa do café, pensando, ao mesmo tempo, sobre se iria ser capaz de publicar ou não esse manuscrito, nunca me passou pela cabeça que doze anos depois seria eu o tradutor da primeira edição portuguesa de *O Ladrão de Eternidade* – e editado pela mesma editora que publica os meus livros, o que é fantástico.

Sinto um orgulho enorme. Uma felicidade enorme.

Acho que essa é a única eternidade que existe: a eternidade das histórias.

Essa é, também, outra obsessão de Clive Barker.

Não histórias de vida, mas histórias com vida.

Histórias que mudam, mas não morrem. Histórias que não querem saber se os seus narradores são humanos ou não. Tudo o que elas querem é ser contadas. Isso é tudo o que lhes interessa. Tudo o que existe. E tudo o que não existe, também.

Mas como é que se pode roubar algo que não existe?

É fácil. Conte-se uma história sobre isso e devore-se o contador.

Essa é a fome da ausência dos vilões barkerianos. É a mesma fome que fez com que Deus gritasse “Faça-se a Luz”: não para que houvesse luz, mas para ouvir a sua voz – uma voz – a romper o silêncio. A preencher a ausência assustadora.

Este livro intitula-se *O Ladrão de Eternidade*.
Deixem-no roubar-vos umas horas de leitura, porque elas
serão trocadas por puro ouro – quando menos esperarem.

David Soares

I

Harvey, Meio-Devorado

A grandiosa e parda fera que Fevereiro era tinha comido vivo Harvey Swick. Ali se encontrava ele, inumado no íntimo desse mês abafadiço, perguntando a si mesmo se alguma vez iria encontrar o caminho certo através do invernal labirinto, cuja saída era a Páscoa.

Não confiava nas suas oportunidades. Achava mais provável aborrecer-se ao ponto de, um dia destes, se esquecer até de respirar, enquanto as horas continuassem a arrastar-se. Talvez nessa altura toda a gente se admirasse por um rapazinho tão saudável morrer no auge da infância. Tornar-se-ia um mistério afamado; apenas desvendado quando algum grande detective recriasse as circunstâncias da sua vida.

Então, e só então, a verdade feia seria descoberta. Para começar, o detective seguiria o caminho que ele fizera todas as manhãs para ir à escola, perambulando pelas mesmas ruas acabrunhantes. Depois, sentar-se-ia na sua carteira para ouvir o timbre monótono do professor de História, e o do professor de Ciências, interrogando-se sobre como fora possível

que o heróico rapaz tivesse sido capaz de manter os olhos abertos. Finalmente, enquanto esse dia desperdiçado de investigação se crepusculasse, o detective traçaria o itinerário de regresso e, ao pousar o pé na mesma soleira da qual saíra de manhã, responderia com um abanar de cabeça a quem lhe perguntasse como é que uma alma doce como a de Harvey podia ter morrido:

‘É muito simples.’

‘Oh?’, diria a multidão curiosa. ‘Como?’

Enxugando uma lágrima, o detective responderia:

‘Harvey Swick foi comido pela grandiosa e parda fera que Fevereiro é.’

Lá que era um mês monstruoso, era de certeza: terrível e triste. Os prazeres do Natal, tão vigorosos e saborosos, perdiam o brilho na memória de Harvey, e o Verão ainda era uma promessa tão remota que era quase mítica. Haveria as férias da Primavera, entretanto, mas quão longe é que elas se encontravam, também? A cinco semanas de distância? A seis? A Matemática não era o seu forte, por isso não valia a pena tentar calcular o tempo e irritar-se ainda mais por não conseguir. Ele sabia muito bem que murcharia na barriga da besta, antes que o Sol chegasse para salvá-lo.

‘Não devias desperdiçar o teu tempo aqui sentado’, disse-lhe a mãe, quando entrou no quarto e o encontrou a observar os pingos de chuva a perseguirem-se uns aos outros pelo vidro da janela abaixo.

‘Não tenho nada melhor para fazer’, disse Harvey, sem olhar para trás.

‘Nesse caso, podes ser útil’, disse a mãe.

Harvey estremeceu. Útil? Útil era sinónimo para trabalho

duro. Com um pinote, desenrolou uma lista de desculpas – não fizera *isto*, não fizera *aquilo* – mas já era tarde.

‘Podes começar por arrumar este quarto’, disse a mãe.

‘Mas...’

‘Querido, não fiques sentado a sonhar acordado. A vida é curta.’

‘Mas...’

‘Sê um bom menino.’

Sem dizer mais nada, ela foi-se embora. Resmungando, Harvey olhou em redor. O quarto nem sequer estava desarrumado. Havia um ou dois jogos espalhados pelo chão, um par de gavetas abertas com algumas roupas penduradas para fora— parecia-lhe tudo bem.

‘Eu tenho dez anos de idade’, disse para si mesmo (não tendo irmãos nem irmãs, falava sozinho muitas vezes). ‘Quer dizer, não sou nenhum bebé. Não tenho que arrumar o quarto só porque ela manda. Arrumar é chato.’

Já não resmungava, mas falava em voz alta.

‘Eu quero... eu quero...’ Foi até o espelho e interrogou-o. ‘O que é que eu quero?’ O rapaz de cabelos louros, nariz em pé e olhos castanhos que ele viu reflectido à sua frente, abanou a cabeça. ‘Eu não sei o que quero’, disse. ‘Só sei que vou morrer, se não me divertir um bocado. Eu vou! Vou morrer!’

Enquanto falava, a janela estremeceu. Uma rajada de vento bateu com força contra o vidro – depois outra; e uma terceira – e, apesar de Harvey não se lembrar da janela estar sequer entreaberta, deu com ela subitamente escancarada. A chuva fria respingou-lhe o rosto. Avançando de olhos semicerrados para a janela, fechou-a atabalhoadamente, certificando-se de que ficava bem trancada.

A ventania abanou o candeeiro do tecto e, quando se virou, Harvey viu o quarto andar às voltas. A luz ora brilhava com força na sua direcção, ora inundava a parede à sua frente; mas entre as pupilas e o papel de parede, a luz derramava-se a meio

do quarto: e aí, sacudindo pingos de chuva de cima do chapéu, encontrava-se um estranho visitante.

Parecia inofensivo. Magricela, de pele amarelada, não tinha mais que um palmo de altura em relação a Harvey. Vestia uma elegante fatiota, tinha óculos e um sorriso deslumbrante.

‘Quem és tu?’ perguntou Harvey, dando voltas à cabeça para descobrir como é que poderia ludibriar o intruso e fugir do quarto.

‘Não te enerves’, respondeu o homem, tirando uma das suas finas luvas de camurça para apertar a mão de Harvey. ‘Chamo-me Rictus. És o Harvey Swick, não és?’

‘Sou...’

‘Por um instante, pensei que tinha entrado na casa errada.’

Harvey não conseguia tirar os olhos do sorriso de Rictus. Com duas fileiras de dentes cintilantes e perfeitos, era grande o suficiente para deixar um tubarão de rabo entre as barbatanas.

Rictus agarrou os óculos e secou-os com um lenço que tirou do bolso do casaco encharcado. Ou era ele ou era o lenço que exalava um odor que estava longe de ser perfumado. Na verdade, o cheiro era flatulento.

‘Estou a ver que estás confundido’, disse Rictus.

‘Estou.’

‘Podes perguntar à vontade. Não tenho nada a esconder.’

‘Como é que entraste?’

‘Pela janela, como é óbvio.’

‘A janela é demasiado alta para se entrar por ela.’

‘Se viermos a voar, não é assim tão alta.’

‘A voar?’

‘A voar, está claro!’; disse Rictus. ‘De que outra maneira é que eu seria capaz de andar a passear numa noite tão feia? Ou era a voar ou era a remar. Nós, a malta pequena, temos de ter muito cuidado quando está a chover assim tanto. Um passo em falso e damos connosco a nadar.’ Olhou intensamente para Harvey. ‘Tu nadas?’

‘No Verão, às vezes’, respondeu Harvey, esperando que a conversa voltasse ao tópico do voo.

Mas Rictus desconversou para outro assunto. ‘Em noites como esta’, disse, ‘até parece que não vai voltar a haver outro Verão, não achas?’

‘Acho, acho’, disse Harvey.

‘Sabes que te ouvi a suspirar, muito longe daqui, e disse a mim mesmo: Este miúdo está mesmo a precisar de umas férias.’ Olhou para o relógio. ‘Se tiveres tempo, é claro.’

‘Tempo?’

‘Para uma viagem, rapaz, para uma viagem! Precisas de uma aventura, Harvey. Algures... *fora deste mundo*.’

‘Como é que me ouviste a suspirar, se estavas muito longe?’, perguntou Harvey.

‘O que é que isso interessa? Eu ouvi-te. Isso é que conta.’

‘Foi magia?’

‘Se calhar.’

‘Se foi, porque é que não dizes?’

Rictus deitou uma expressão vítrea a Harvey. ‘Não te digo porque és demasiado curioso para o teu próprio bem’, disse ele. O sorriso feneceu um bocadinho. ‘Se não quiseres a minha ajuda, por mim tudo bem.’

Rictus virou-se para a janela. O vento continuava a bater no vidro, como se estivesse ansioso por entrar e arrebanhar aqueles dois potenciais passageiros.

‘Espera’, disse Harvey.

‘Porquê?’

‘Desculpa. Eu não faço mais perguntas.’

Rictus parou, com a mão na tranca da janela. ‘Não fazes mais perguntas, é isso?’

‘Eu prometo’, disse Harvey. ‘Já te pedi desculpa.’

‘Pois pediste, pois pediste.’ Rictus observou a chuva. ‘Eu conheço um sítio onde os dias são sempre ensolarados...’, disse ele, ‘...e as noites cheias de maravilhas.’

‘Podes levar-me a esse sítio?’
‘Combinámos que não haveria mais perguntas, rapaz. Não combinámos?’

‘Pois é. Esqueci-me. Desculpa.’

‘Como sou bondoso, vou esquecer-me que tu te esqueceste. E digo-te: se quiseres, eu posso perguntar nesse sítio se têm lugar para ti.’

‘Isso seria fantástico.’

‘Não prometo nada’, disse Rictus, destrancando a janela.

‘Eu percebo.’

O vento entrou de supetão, escancarando a janela. A luz do candeeiro girou descontrolada.

‘Fica à minha espera’, berrou Rictus, por cima do barulho da chuva e do vento.

Harvey ia perguntar se ele voltaria depressa, mas conseguiu calar-se mesmo a tempo.

‘Não faças perguntas, rapaz!’, disse Rictus. O vento encheu-lhe o casaco, como se este fosse um enorme balão preto, e, de repente, o visitante deixou-se levar por cima do parapeito.

‘As perguntas apodrecem a cabeça!’, disse ele, em voz alta, enquanto voava. ‘Mantém a boca fechada e vamos ver o que é que acontece!’

E, sem dizer mais nada, o vento levou-o, com o seu casaco-balão a ascender como uma Lua negra sob um céu chuvoso.

II

O Caminho Oculto

Harvey não disse nada à mãe e ao pai sobre o peculiar visitante, não fossem eles pôr cadeados nas janelas para impedir Rictus de regressar. Mas o problema de manter a visita em segredo foi o de que, passados uns dias, Harvey começou questionar-se sobre se a imaginara. Achou que tinha adormecido à janela e que Rictus não passava de um sonho.

Mas, mesmo assim, desejava que não fosse. *‘Vamos ver o que é que acontece’*, dissera Rictus e Harvey fez exactamente isso. Esperou para ver o que acontecia. À janela do quarto. À carteira, na escola. Até esperou na cama, à noite, com um olho fechado e outro aberto. Mas Rictus não apareceu.

Então, uma semana depois daquela visita, quando a esperança de Harvey começava a diminuir, Harvey foi recompensado pela perseverança. No caminho para a escola, numa fria manhã de nevoeiro, uma voz falou-lhe do alto. Olhando para cima, viu Rictus a descer, flutuando dos céus; com a roupa insuflada de vento a fazê-lo parecer-se com um porquinho-mealheiro.

‘Cumé que é?’, perguntou ele, ao pousar.

‘Já pensava que tu não existias’, respondeu Harvey. ‘Que eu te tinha sonhado.’

‘Estou sempre a ouvir isso, deixa lá’, disse Rictus, com um sorriso enorme. ‘Em particular das senhoras. *Tu és um sonho tornado realidade*, dizem-me.’ Piscou um olho a Harvey. ‘E quem sou eu para discutir com elas? Gostas dos meus sapatos?’

Harvey olhou para os brilhantes sapatos azuis de Rictus. Eram um espanto e disse-lho.

‘Deu-mos o meu chefe’, disse Rictus. ‘Está muito contente por tu nos vires visitar. E então? Estás pronto?’

‘Pronto?’

‘Não vale a pena perdermos tempo’, disse Rictus. ‘Pode não haver espaço para ti amanhã.’

‘Posso fazer uma pergunta?’

‘Tínhamos combinado...’

‘Eu sei. Mas é só uma.’

‘Tudo bem. Uma.’

‘Vamos para muito longe?’

‘Ná! Fica só do outro lado da cidade.’

‘Então, só vamos por umas horas, é isso?’

‘Isso já são duas perguntas’, disse Rictus.

‘Não, só estou a pensar em voz alta.’

Rictus resmungou. ‘Olha’, disse ele: ‘Eu não vim para te entreter, estás a perceber? Um amigo meu, chamado Jive, é que faz isso. Eu sou apenas um fulano que sorri. Que sorri aos miúdos e diz-lhes: *Venham comigo à Casa de Férias*. Quem não quiser vir comigo...’, encolheu os ombros, ‘... é que fica a perder.’

Calou-se e virou as costas a Harvey.

‘Espera!’, protestou o rapaz. ‘Eu quero ir contigo. Mas só por pouco tempo.’

‘Tu podes ficar o tempo que quiseres’, disse Rictus. ‘Pouco ou muito é contigo. Da minha parte, só quero que deixes de fazer essa careta tristonha e que sorrias *assim*, olha.’ Rictus abriu ainda mais a boca. ‘Achas que isso é mau?’

‘Não’, disse Harvey. ‘Não acho. Estou contente por me teres encontrado. A sério.’

E se eu não for à escola a manhã toda?, pensou. Também não seria mau... Talvez também perdesse a hora do almoço... Desde que chegasse a casa pelas três da tarde. Ou pelas quatro. Pelo menos antes que escurecesse.

‘Estou pronto’, disse a Rictus. ‘Vai tu à frente.’

Millsap, onde Harvey vivia, não era uma cidade grande e o rapaz pensava que já a tinha visto toda, mas as ruas que conhecia estavam a ficar para trás. E embora Rictus mantivesse um bom andamento, o rapaz ia memorizando um monte de referências, que via ao longo do caminho, no caso de ter de regressar sozinho: um talho com duas cabeças de porco penduradas à porta; uma igreja circundada por um cemitério cheio de túmulos antigos; a estátua de um qualquer general falecido, coberto do chapéu aos estribos por caca de pombo. Em todas essas referências, e mais algumas, ele foi notando e memorizando.

Mas, enquanto caminhavam, Rictus não se calava com conversa de chacha.

‘Odeio o nevoeiro! Odeio-o!’, disse ele. ‘E vai chover ao meio-dia. Nós não nos vamos molhar, é claro...’ E passou da chuva para o estado das ruas. ‘Olha para este lixo, está no passeio todo! É vergonhoso! E a lama? Está a dar cabo dos meus sapatos novos!’

Rictus disse muitas mais coisas, mas nenhuma era muito esclarecedora, por isso, passados uns instantes, Harvey deixou de ligar-lhe. Quão longe ficaria *ainda* a tal Casa de Férias, pensou. O nevoeiro enregelava-o e as pernas doíam-lhe da longa caminhada. *Se não chegarmos rapidamente, vou-me embora.*

‘Eu sei em que estás a pensar’, disse Rictus.

‘Acho que não.’

‘Estás a pensar que isto não passa de uma brincadeira, não é

verdade? Pensas que te estou a querer levar num passeio mistério para um sítio que não existe.’

‘Se calhar.’

‘Pois é, meu rapaz, mas tenho uma novidade para te dar. Olha.’

Rictus apontou para a frente e, não muito longe de onde estavam, encontrava-se um muro alto: que era tão comprido que desaparecia no nevoeiro, tanto para a direita como para a esquerda.

‘O que é que vês?’, perguntou Rictus.

‘Vejo uma parede’, respondeu Harvey, embora quanto mais olhasse menos seguro se sentia sobre aquilo que via. As pedras, que pareciam sólidas à primeira olhadela, pareciam mover-se, ondulantes como se fossem modeladas a partir do próprio nevoeiro, empilhando-se para impedir a passagem aos curiosos.

‘Parece uma parede’, disse Harvey, ‘mas não é.’

‘És muito observador’, respondeu Rictus, com admiração. ‘A maioria das pessoas só vê um beco sem saída. Chegam aqui e voltam para trás.’

‘Mas nós não.’

‘Não, nós não. Nós vamos continuar. Sabes porquê?’

‘Porque a Casa de Férias fica do outro lado?’

‘És um miúdo *es-pan-to-so!*’, disse Rictus. ‘Estás correctíssimo. Já agora, tens fome?’

‘Estou esganado.’

‘Bem, na casa há uma mulher chamada Senhora Griffin, que está à tua espera. Deixa-me que te diga que ela é a melhor cozinheira do mundo, juro pela sepultura do meu alfaiate. Qualquer coisa que tu sonhes em comer, ela faz-te. Só precisas de lhe pedir. Faz uns ovos cozidos...’, estalou os lábios, ‘... magníficos.’

‘Não vejo portão nenhum’, disse Harvey.

‘Não vês, porque não há.’

‘Então como é que vamos entrar?’

‘Continua a andar!’

Meio esfomeado, meio curioso, Harvey fez como Rictus mandou e, assim que deu três passos em direcção ao muro, uma brisa amena e floral saiu de entre as pedras brilhantes e beijou-lhe a bochecha. Aquele calor era bem-vindo, principalmente depois da longa caminhada pela manhã gelada. Harvey acelerou a marcha, erguendo os braços para tocar nas pedras de neblina: estas também pareciam querer tocá-lo e envolveram-lhe os ombros com uma suavidade cinzenta, guiando-o através da parede.

Harvey olhou para trás e viu que a rua desaparecera. Debaixo dos pés já não tinha calçada, mas erva alta e cheia de flores; sobre a cabeça, um céu azul de veraneio que não tinha nuvens de cores tristes. E, em frente, no cume de uma grande ladeira, estava uma casa que não podia pertencer senão a um sonho.

O rapaz não esperou para ver se Rictus vinha atrás dele, nem para saber se a grandiosa e parda fera Fevereiro tinha sido morta para que aquele dia quente nascesse. Simplesmente, deu uma gargalhada que, de certeza, teria deixado Rictus orgulhoso, e correu pela encosta acima, para a sombra da casa dos sonhos.

III

Divertimento e Desassossego

Harvey pensou em como seria bom construir uma casa igual àquela que estava a ver. Aprofundar alicerces na terra, colocar soalhos, levantar paredes, e dizer: onde não havia nada, construí uma casa. Isso seria muito bom.

A Casa de Férias não era ostensiva. Faltava-lhe uma escadaria de mármore, à entrada, por exemplo, e colunas caneladas. Sem dúvida que era orgulhosa, mas isso não era mau; afinal apresentava *muitos* motivos de orgulho. Tinha quatro andares, com mais janelas do que aquelas que Harvey conseguia contar. O alpendre era grande, assim como o número de degraus que subiam até à porta decorada com entalhes; os vários telhados, alcantilados, encontravam-se coroados por magníficas chaminés e pára-raios.

O ponto mais elevado, no entanto, não era nenhuma chaminé, nem nenhum dos pára-raios, mas um grande catavento de ferro forjado, que Harvey estava a admirar quando ouviu a porta a abrir-se e uma voz a dizer:

‘Harvey Swick! Que o Diabo seja surdo!’

Harvey olhou para baixo, arrastando ainda nas pupilas a silhueta branca do catavento, e, viu uma mulher no alpendre: a sua avó (que era a pessoa mais velha que ele conhecia) parecia uma jovem ao lado desta. O rosto da mulher parecia uma bola feita de teias de aranha; e o cabelo ralo, que também poderia ter sido tecido por aranhas, descaía em fiapos compridos. Os olhos eram pequenos, a boca estreita, as mãos nodosas. A voz, contudo, soava melodiosa e formulava palavras acolhedoras.

‘Achei que talvez tivesses decidido não vir’, disse ela, agarrando um cesto cheio de flores recém-cortadas que tinha pousado no chão. ‘Isso teria sido uma pena. Vem! Há comida na mesa. Deves estar cheio de fome.’

‘Não me posso demorar’, disse Harvey.

‘Deves fazer o que quiseres’, disse ela. ‘Eu sou a Senhora Griffin, a propósito.’

‘O Rictus falou-me de ti.’

‘Espero que ele não te tenha feito ficar surdo. Ele adora ouvir-se a falar. Isso e ver-se ao espelho.’

Harvey subiu os degraus e parou à frente da porta aberta. Percebeu que era um momento decisivo, embora não soubesse porquê.

‘Entra’, disse a Senhora Griffin, afastando da testa franzida um fiapo de cabelo, fininho como uma teia de aranha.

Harvey continuava hesitante. Podia ter voltado para trás. Podia nunca ter entrado na casa. Só que ouviu um menino dizer em voz alta:

‘Apanhei-te! Apanhei-te!’

Seguiu-se um chorrilho de gargalhadas.

‘Wendell!’, disse a Senhora Griffin. ‘Estás outra vez a correr atrás dos gatos?’

O riso tornou-se ainda mais alto, e era um som tão cheio de boa disposição que Harvey atravessou o alpendre e entrou em casa só para ver quem é que se ria daquela maneira.

Só teve tempo de dar uma espreitadela.

Um rapaz cómico, com óculos, apareceu por um instante ao fundo do vestíbulo; em seguida, um gato malhado esgueirou-se depressa entre as pernas dele, fazendo-o correr às gargalhadas em sua perseguição.

‘É um miúdo tão amalucado’, disse a Senhora Griffin, ‘mas todos os gatos gostam dele!’

A casa era mais maravilhosa por dentro do que por fora. Mesmo na curta viagem que fez até à cozinha, Harvey vislumbrou o suficiente para saber que estava num sítio feito para jogos, perseguições e aventuras. Consistia num labirinto onde não existiam duas portas iguais. Era um casa onde, sem dúvida, algum pirata famoso escondera um tesouro manchado de sangue. Era um lugar de descanso para tapetes pilotados por génios; uma casa onde havia caixas que tinham sido seladas antes do Dilúvio e nas quais estavam ovos de criaturas que o mundo perdera, embrulhados até que o Sol viesse chocá-los.

‘É perfeita!’ murmurou Harvey.

Senhora Griffin ouviu-o. ‘Nada é perfeito’, disse ela.

‘Porquê?’

‘Porque o tempo passa’, continuou ela, olhando para as flores que apanhara. ‘Mais cedo ou mais tarde, os escaravelhos e os vermes encontram uma maneira de entrar em tudo.’

Ao ouvir a Senhora Griffin, Harvey interrogou-se sobre o que é que ela vira ou soubera que a fazia sentir-se tão triste.

‘Desculpa’, disse ela, disfarçando a tristeza com um sorriso pequenino. ‘Não vieste cá para ouvir as minhas lamentações. Vieste para divertir-te, não foi?’

‘Acho que sim’, disse Harvey.

‘Então deixa-me tentar-te com algumas guloseimas.’

Harvey sentou-se à mesa da cozinha, e em menos de um minuto a Senhora Griffin pôs-lhe à frente uma dúzia de pratos: hambúrgueres, cachorros-quentes e frango frito; pilhas de ba-

tatas cozidas com manteiga; tartes de cereja, maçã e chocolate, gelados e *chantilly*; uvas, tangerinas e frutas de que ele não sabia os nomes.

Harvey pôs-se a comer com gosto, e já devorava a segunda fatia de tarte quando uma miúda sardenta, com longos e crespos cabelos louros e grandes olhos azuis-esverdeados, entrou aos pinotes para dentro da cozinha.

‘Deves ser o Harvey’, disse ela.

‘Como é que sabes?’

‘O Wendell disse-me.’

‘E como é que ele sabe quem eu sou?’

A miúda encolheu os ombros. ‘Deve ter ouvido. Chamo-me Lulu.’

‘Chegaste agora?’

‘Não. Há montes de tempo que estou aqui. Há mais tempo do que o Wendell, de certeza. Mas não há tanto tempo quanto a Senhora Griffin. Ela está cá há mais tempo do que todos. Não é?’

‘Quase, querida’, disse a Senhora Griffin, misteriosa. ‘Queres comer alguma coisa?’

Lulu abanou a cabeça. ‘Não, obrigado. Não tenho fome por agora.’

No entanto, sentou-se à frente de Harvey, mergulhou um dedo na tarte de chocolate e lambeu-o.

‘Quem é que te convidou?’, perguntou ela a Harvey.

‘Um homem chamado Rictus.’

‘Ah, pois. O do sorriso?’

‘Esse.’

‘Tem uma irmã e dois irmãos’, prosseguiu Lulu.

‘Conhecê-los?’

‘Mais ou menos’, disse Lulu. ‘Só se dão entre eles. Mas mais cedo ou mais tarde, és capaz de te encontrar com um ou com outro.’

‘Eu... Eu acho que não vou ficar cá muito tempo’, disse Harvey. ‘Os meus pais nem sequer sabem que eu aqui estou.’

‘Claro que sabem’, respondeu Lulu. ‘Eles é que não te disseram.’

O comentário deixou Harvey confuso e ele disse-o.

‘Telefona-lhes’, sugeriu Lulu. ‘Pergunta-lhes.’

‘Posso fazer isso?’, perguntou ele.

‘Claro que podes’, respondeu a Senhora Griffin. ‘Há um telefone no corredor.’

Levando consigo uma colherada de gelado, Harvey foi até o telefone e marcou o número de casa. Primeiro, ouviu um som agudo, como se estivesse a soprar um vento pelo fio; então, o “vento” dissipou-se e o rapaz ouviu a voz da mãe.

‘Quem fala?’, perguntou ela.

‘Antes de começares a gritar...’, disse Harvey.

‘Oh, querido’, arrulhou a mãe. ‘Já chegaste?’

‘Cheguei?’

‘Estás na Casa de Férias?’

‘Sim, mas...’

‘Ah, muito bem. Estava com medo de que te perdesse. Gostas da casa?’

‘Sabias que eu vinha?’, perguntou Harvey, olhando para Lulu. *Eu disse-te*, transmitiu ela só com os lábios.

‘Claro que sabia’, continuou a mãe. ‘Eu e o pai falámos com o Senhor Rictus para te levar. Tens andado tão triste, filhinho. Achámos que precisavas de te divertir um pouco.’

‘A sério?’, perguntou Harvey, surpreendido com a revelação.

‘Nós só queremos que te divirtas’, disse a mãe. ‘Por isso, fica aí o tempo que quiseres.’

‘E a escola?’, perguntou ele.

‘Já merecias umas miniférias’, respondeu a mãe. ‘Não te ocupes com nada. Diverte-te.’

‘Sim, mãe.’

‘Adeus, querido.’

‘Adeus.’

Harvey abanou a cabeça, estupefacto.

‘Tinhas razão’, disse ele a Lulu. ‘Os meus pais é que organizaram tudo.’

‘Agora já não tens de te sentir culpado’, disse Lulu. ‘Então nós depois vemo-nos, está bem?’

E sem dizer mais nada, afastou-se aos pinotes.

‘Se já acabaste de comer’, disse a Senhora Griffin, ‘vem comigo que eu mostro-te o teu quarto.’

‘Obrigado.’

A senhora conduziu Harvey pela escadaria acima; num dos patamares estava um gato da cor de um céu sem nuvens, deitado a apanhar banhos de Sol no peitoril de uma janela.

‘Este é o Gato Preguiçoso’, disse a Senhora Griffin. ‘O Gato Guloso já o viste a brincar com o Wendell. Não sei onde andará o Gato Curioso, mas ele há-de vir ter contigo, pois gosta de novos hóspedes.’

‘Tem vindo muita gente para aqui?’

‘Só crianças. Crianças muito especiais, como tu, a Lulu e o Wendell. O Senhor Hood não convida qualquer um.’

‘Quem é o Senhor Hood?’

‘É o homem que construiu a Casa de Férias’, respondeu a Senhora Griffin.

‘Também vou conhecê-lo?’

A Senhora Griffin pareceu desconcertada com a pergunta. ‘Talvez’, disse ela, desviando o olhar. ‘Mas ele é um homem muito reservado.’

Já no patamar, a Senhora Griffin conduziu Harvey por uma coleção de retratos pintados, até chegarem a um aposento situado nos fundos da casa. A vista desse quarto dava para um pomar e o ar quente inundava-o com o cheiro de maçãs maduras.

‘Pareces cansado, querido’, disse a Senhora Griffin. ‘Talvez devesses deitar-te um bocadinho.’

De modo geral, Harvey odiava dormir à tarde: lembrava-lhe as alturas em que ficava de cama com gripe ou varicela. Mas a almofada parecia tão fresca e tão confortável que, quando a

Senhora Griffin saiu, deitou-se – *mas só por um bocadinho*, pensou.

Ou sentia-se mais cansado do que julgava ou o sossego e o conforto da casa provocaram-lhe sonolência. Fosse o que fosse, fechou os olhos, assim que pousou a cabeça na almofada, e só os abriu na manhã seguinte.

IV

Uma Morte Entre Estações

O Sol acordou Harvey logo a seguir ao romper da manhã: um dardo de luz branca atingiu-lhe as pálpebras e, num ápice, o rapaz sentou-se na cama. Por uns instantes, tentou lembrar-se que cama era aquela – que quarto e que casa eram aqueles. As memórias do dia anterior voltaram e ele percebeu que dormira desde essa tarde até àquela altura. Mas o repouso prolongado fortalecera-o: sentiu-se cheio de energia e, dando um grito de satisfação, saltou de cima da cama para se vestir.

A casa estava mais acolhedora do que nunca; as flores com as quais a Senhora Griffin decorara todas as mesas e parapeitos de janelas ainda cantavam sinfonias coloridas. A porta da frente estava aberta; escorregando pelo lustroso corrimão, Harvey correu para o exterior para inspeccionar a manhã.

Teve uma surpresa. As árvores, tão frondosas no dia anterior, tinham todas desfolhado e ele podia ver brotos em cada pernada e em cada ramo, como se fosse o primeiríssimo dia da Primavera.

‘Outro dia, outro dólar’, disse Wendell, aproximando-se aos pulos, vindo de um dos lados da casa.

‘O que é que isso quer dizer?’, perguntou-lhe Harvey.

‘É uma frase que o meu pai estava sempre a dizer. *Outro dia, outro dólar*. Ele é dono de um banco. É o Wendell Hamilton, o Segundo. E eu sou o...’

‘Wendell Hamilton, o Terceiro.’

‘Como é que descobriste?’

‘Foi à sorte... Eu sou o Harvey.’

‘Pois, eu sei. Gostas de casas-de-árvore?’

‘Nunca tive uma.’

Wendell apontou para a árvore mais alta. Empoleirada entre os ramos, havia uma plataforma que sustinha uma casinhota primitiva.

‘Há semanas que ando a fazê-la’, disse Wendell, ‘mas não consigo terminá-la sozinho. Queres dar-me uma ajuda?’

‘Quero. Mas primeiro quero comer qualquer coisa.’

‘Vai comer. Eu estou por aqui.’

Harvey voltou para dentro de casa e encontrou a Senhora Griffin a pôr na mesa da cozinha um pequeno-almoço digno de um príncipe. Havia leite derramado no chão e um gato com a cauda alçada, em jeito de ponto de interrogação, estava a lambê-lo.

‘És o Gato Curioso?’, perguntou Harvey.

‘Sim, é ele’, disse a Senhora Griffin, com carinho. ‘É o gato mais malandro.’

O Gato Curioso olhou-os, como se soubesse que falavam sobre ele. Depois, pulando para cima da mesa, pôs-se à procura de mais qualquer coisa para comer, entre os pratos de panquecas e *waffles*.

‘Só faz o que lhe apetece?’, perguntou Harvey, vendo o gato a cheirar tudo e mais alguma coisa. ‘Ninguém manda nele?’

‘Ora, todos nós temos *alguém* que manda em nós, não é?’ respondeu a Senhora Griffin. ‘Quer a gente queira, quer não. Agora come. Tens momentos maravilhosos à tua espera.’

Harvey não precisou que lhe dissessem uma segunda vez. Atirou-se à segunda refeição que tomava na Casa de Férias com um apetite ainda maior do que aquele com que devorara a primeira. Só depois de saciado é que saiu para saudar o dia.

Oh, e que dia!

A brisa era quente e cheirava à fragrância fresca de coisas que estão a crescer; o céu perfeito estava cheio de pássaros. De mãos enfiadas nos bolsos, Harvey passeou pelo jardim, como se fosse o dono de tudo o que via; ao aproximar-se da árvore com a casa, chamou por Wendell.

‘Posso subir?’, perguntou.

‘Só se não tiveres medo de alturas’, desafiou o outro.

A escada rangeu enquanto Harvey subiu, mas ele chegou à plataforma sem pôr um pé em falso. Wendell ficou impressionado.

‘Nada mau para um novato’, disse ele. ‘Conheci dois miúdos que nem sequer eram capazes de subir até meio do tronco.’

‘Onde é que eles estão?’

‘Voltaram para casa deles, acho eu. Os miúdos vêm e vão, estás a ver?’

Harvey olhou para fora, através dos ramos, sobre os quais rompiam os brotos.

‘Não se vê grande coisa, pois não?’, perguntou ele. ‘Quer dizer, não se consegue ver nem um bocadinho da cidade.’

‘Que é que isso interessa?’, perguntou Wendell. ‘A cidade está sempre enevoadá nesta altura do ano.’

‘Mas aqui faz Sol’, disse Harvey, observando a parede de pedras nebulosas que dividia o terreno da Casa de Férias do mundo exterior. ‘Como é que é possível?’

Wendell deu-lhe a mesma resposta que já tinha dado: ‘Que é que isso interessa? *Nada!* Vamos trabalhar ou quê?’

...

Passaram duas horas a trabalhar na casa-de-árvore, descendo e subindo a escada uma dúzia de vezes e vasculhando nas madeiras amontoadas ao lado do pomar, de modo a encontrarem tábuas com as quais pudessem terminar o que faltava. Ao meio-dia não só tinham encontrado madeira suficiente para finalizar o telhado, como cada um tinha encontrado um amigo. Harvey gostava das piadas sem graça de Wendell e do seu *que é que isso interessa?*, com o qual terminava quase todas as frases. E Wendell parecia felicíssimo na sua companhia.

‘És o primeiro miúdo fixe que eu conheci aqui’, disse Wendell.

‘E a Lulu?’

‘O que é que tem a Lulu?’

‘Ela não é fixe?’

‘Quando eu cheguei, era’, disse Wendell. ‘Já cá está há uns meses e foi ela quem me mostrou a casa toda. Mas tem andado estranha nos últimos dias. Às vezes, vejo-a a andar por aí como se estivesse a dormir em pé. Com uma cara muito sonolenta.’

‘Se calhar está a perder o juízo’, disse Harvey. ‘Os miolos dela estão a derreter com este calor.’

‘Tu percebes dessas coisas?’, perguntou Wendell, com o rosto a iluminar-se de prazer mórbido.

‘Claro que percebo’, mentiu Harvey. ‘O meu pai é cirurgião.’

Wendell ficou muito impressionado e, cheio de inveja, ouviu Harvey contar-lhe sobre operações que tinha visto: crânios abertos e pernas serradas; pés costurados no lugar das mãos; e um homem com um furúnculo no traseiro, que se transformou numa cabeça capaz de falar.

‘Juras?’, perguntou Wendell.

‘Juro’, disse Harvey.

‘Isso é tão fixe!’

Tanta conversa provocou-lhes uma fome feroz e, por sugestão de Wendell, desceram a escada e voltaram à Casa de Férias para comer.

‘O que é que queres fazer hoje?’, perguntou Wendell, quando se sentaram à mesa. ‘Vai ser uma tarde quente. Aqui as tardes são sempre muito quentes.’

‘Existe algum sítio onde possamos ir nadar?’

Wendell fez uma careta. ‘Bem, sim...’, disse, duvidoso. ‘Há um lago, do outro lado da casa, mas não vais gostar muito dele.’

‘Porquê?’

‘É tão escuro que nem se vê o fundo.’

‘Tem peixes?’

‘Ah! Tem.’

‘Então, talvez pudéssemos pescar alguns. A Senhora Griffin irá cozinhá-los para nós.’

Ao ouvir isso, a Senhora Griffin, que estava ao fogão a compor um acepipe de rodela frita de cebola, deu um gritinho e deixou cair o prato. Virou-se para Harvey e mostrou-lhe um rosto empalidecido.

‘É melhor não fazeres isso’, disse ela.

‘Porquê?’, perguntou Harvey. ‘Pensei que podia fazer o que quisesse.’

‘Pois, sim, claro que podes’, disse a senhora. ‘Mas eu não quero que fiques doente. Os peixes são... venenosos, estás a perceber?’

‘Oh!’, disse Harvey. ‘Então, se calhar é melhor não os comer-mos.’

‘Olha só para esta porcaria’, disse a Senhora Griffin, com exagerada tristeza, de maneira a mascarar o embaraço que sentia. ‘Preciso de um avental novo.’

Apressou-se em ir buscá-lo, deixando Harvey e Wendell a trocarem olhares intrigados.

‘Agora tenho *mesmo* que ir ver os peixes’, disse Harvey.

Enquanto isso, o inquisitivo Gato Curioso saltou para cima da bancada da cozinha, ao lado do fogão. Antes que os rapazes pudessem levantar-se para impedir o desastre, o gato pousou as patas na pega de uma panela.

‘Desce daí!’ disse-lhe Harvey.

Mas o Gato Curioso não ligava às ordens de ninguém. Com a cauda a abanar para a frente e para trás, debruçou-se na borda da panela para cheirar o conteúdo. Nesse momento, deu-se o desastre: a cauda dançou demasiado perto de um dos bicos acesos do fogão e rompeu em chamas. O gato uivou de dor e, de repente, deitou abaixo a panela em que se empoleirava. Uma onda de água a ferver levou-o de cima do fogão e ele caiu a fumar ao chão. Fosse afogado, escaldado ou incinerado, o resultado foi só um: quando bateu no chão, já estava morto.

O barulho alertou a Senhora Griffin, que voltou a correr à cozinha para ver o que acontecera.

‘Acho que vou comer lá para fora’, disse Wendell, assim que a velhota apareceu à porta. Agarrou em dois cachorros-quentes e escapuliu-se.

‘Oh, meu Deus!’ gritou a Senhora Griffin quando pôs os olhos no gato morto. ‘Oh!... Bichinho parvo.’

‘Foi um acidente’, disse Harvey, entristecido com o que aconteceu. ‘Ele saltou para cima do fogão’

‘Bichinho parvo... Bichinho parvo...’, era tudo o que a Senhora Griffin conseguia dizer. Ajoelhou-se e olhou para o triste tareco de pêlo queimado. ‘Acabaram-se as tuas explorações’, murmurou, passados uns momentos.

A tristeza da Senhora Griffin fez Harvey lacrimejar, mas ele odiava que o vissem a chorar e lutou o melhor que pôde para conter as lágrimas. E, com a voz mais grossa que foi capaz de fazer, perguntou à Senhora Griffin:

‘Queres que te ajude a enterrá-lo?’

A Senhora Griffin olhou em volta. ‘Isso é muito gentil da tua parte’, disse ela, com suavidade. ‘Mas não é preciso. Vai brincar.’

‘Não queria deixá-la sozinha’, disse Harvey.

‘Oh, meu querido’, disse a Senhora Griffin. ‘Estás a chorar.’

Harvey corou e enxugou os olhos com as costas das mãos.

‘Não tenhas vergonha de chorar’, disse a Senhora Griffin. ‘É

uma coisa maravilhosa. Quem me dera ainda ser capaz de chorar, nem que fosse só uma lágrima ou duas.’

‘Mas estás tão triste’, disse Harvey. ‘Eu vejo-o.’

‘O que eu sinto não é bem tristeza’, respondeu a Senhora Griffin. ‘E também não é consolo, infelizmente.’

‘Consolo, o que é isso?’, perguntou Harvey.

‘É uma coisa que nos conforta’, disse a Senhora Griffin, levantando-se. ‘Um conforto suave que cura a dor que nasce no coração.’

‘Não sentes nada disso?’

‘Não, não sinto’, disse a Senhora Griffin. Ela estendeu a mão e acariciou o rosto de Harvey. ‘Excepto, talvez, nas tuas lágrimas... Elas consolam-me.’ Suspirou, seguindo os sulcos das lágrimas com as pontas dos dedos. ‘As tuas lágrimas são doces, meu filho. São como tu. Agora vai lá para fora e diverte-te. Ainda está Sol, mas a luz vai apagar-se depressa, acredita em mim.’

‘Tens a certeza?’

‘Tenho.’

‘Vejo-te mais tarde, então’, disse Harvey, saindo para aproveitar o resto da luz.

V

Os Prisioneiros

A temperatura subiu enquanto Harvey almoçava: uma onda de calor que pairava sobre o jardim (muito mais luxuriante e florido do que ele se lembrava) e fazia reluzir as árvores em redor da Casa de Férias.

Harvey correu na direcção delas, chamando por Wendell. Este não lhe respondeu e o rapaz olhou para trás, para as janelas da casa, à espera de ver o amigo em alguma, mas todas lhe reflectiram apenas o puro azul do céu. Desses reflexos, olhou para o céu verdadeiro. Não se via uma nuvem.

Uma suspeita que tinha entrado à socapa na mente de Harvey, tornou-se uma certeza, à medida que ele foi olhando com atenção para o arvoredado cintilante e para as flores do jardim. Durante a hora de almoço, passada ao fresco na cozinha, a estação mudara. Era o Verão que viera para a Casa de Férias do Senhor Hood: um Verão tão mágico quanto a Primavera que o precedera.

Por isso é que o céu estava tão azul – sem falhas – e os pássaros faziam tais chilreios. Os ramos carregadinhos de folhas

não se mostravam menos felizes; nem as flores na relva, nem as abelhas que zumbiam de corola em corola a aproveitarem a generosidade da estação. Tudo estava em êxtase.

Harvey calculou que não seria uma estação longa. Se a Primavera tinha durado apenas uma manhã, o mais provável era que aquele Verão perfeito não fosse durar mais de uma tarde.

Pensando que o melhor que tinha a fazer era aproveitar ao máximo aquele período, continuou a correr em busca de Wendell. Finalmente descobriu o amigo, sentado à sombra das árvores e com uma pilha de bandas desenhadas ao lado.

‘Queres sentar-te aqui e ler comigo?’, perguntou Wendell.

‘Talvez mais tarde’, respondeu Harvey. ‘Primeiro quero ir ver o tal lago. Também vens?’

‘Para quê? Eu disse-te que não é fixe.’

‘Tudo bem, eu vou sozinho.’

‘Não vais gostar’, comentou Wendell, voltando à leitura.

Embora Harvey achasse que tinha uma boa ideia da localização do lago, os arbustos daquele lado da casa eram grossos e espinhosos e ele levou algum tempo para encontrar um caminho através deles. Quando avistou o lago, o suor corria-lhe em bica pelo rosto e pelas costas; tinha os braços todos arranhados pelos espinhos e sangrava.

Tal como Wendell lhe tinha dito, não valera a pena o esforço de ter vindo até àquele sítio para ver o lago. Era grande – tão grande que a margem mais distante mal se via — mas também era sombrio e tanto o próprio lago como as pedras escuras, cobertas com uma película de verdete, compunham um cenário lúgubre. Uma legião de moscas rondava o local, em busca de podridão para se alimentar, e Harvey achou que os insectos não teriam dificuldade nenhuma em fazer ali um banquete: aquele era um sítio para coisas mortas.

Estava prestes a ir-se embora quando um movimento nas sombras chamou a sua atenção. Estava ali alguém, mais per-

to da margem, quase eclipsado pela malha de mato. Harvey aproximou-se do lago e viu que era Lulu. Esta estava sentada nas pedras viscosas, à beira da água, contemplando as profundezas.

Sussurrando, para não a assustar, Harvey disse:

‘Parece fria.’

Lulu olhou para ele com uma expressão confundida e, em seguida, sem uma palavra, levantou-se e afastou-se através dos arbustos.

‘Espera!’, chamou Harvey, correndo atrás dela.

Lulu desaparecera, no entanto tinha deixado as moitas a abanar. Se quisesse, Harvey poderia ter ido atrás dela, mas o som de bolhas a romperem à superfície do lago desviou-lhe o olhar para as águas. Sob a cobertura de verdete, viu os peixes. Eram quase do seu tamanho, com rugosas escamas cinzentas; viravam, suplicantes, os olhos bulbosos para a superfície, como se fossem prisioneiros metidos num calabouço aquático.

Os peixes estudavam-no – ele teve a certeza – e o seu olhar fê-lo estremecer. Estariam esfomeados, pensou, rezando aos seus deuses píceos para que ele escorregasse nos calhaus e caísse para dentro do lago? Ou desejariam que ele tivesse vindo com uma cana de pesca, de maneira a que pudessem ser arrancados das funduras e receber o golpe de misericórdia?

Que vida a deles, pensou Harvey. O Sol não os aquece, o perfume das flores não os encanta, nem têm jogos para jogar. Só têm a água profunda e escura para nadarem às voltas – e às voltas, às voltas, às voltas...

Ficou tonto, só de ver os peixes a nadarem em círculos, e temeu que, se demorasse mais uns instantes a observá-los, poderia perder o equilíbrio e juntar-se a eles. Ofegante de alívio, virou-lhes as costas e regressou ao jardim ensolarado, tão depressa quanto os espinhos dos arbustos lho permitiram.

Wendell ainda estava sentado debaixo da árvore; tinha duas garrafas de limonada gelada ao lado e atirou uma a Harvey quando este se aproximou.

‘Então?’, perguntou-lhe.

‘Tinhas razão’, respondeu Harvey.

‘Ninguém que esteja no seu perfeito juízo perde tempo a ir lá.’

‘Eu vi a Lulu.’

‘Não te disse?’, crocitou Wendell. ‘Ninguém no seu perfeito juízo.’

‘E os peixes...’

‘Pois, eu sei’, disse Wendell, fazendo uma careta. ‘Feios como um raio, não são?’

‘Porque é que o Senhor Hood quer peixes daqueles? Aqui é tudo é tão bonito. O jardim, a casa, o pomar...’

‘Que é que isso interessa?’, perguntou Wendell.

‘Interessa-me a mim’, disse Harvey. ‘Eu quero saber tudo o que há para saber sobre este sítio.’

‘Para quê?’

‘Para contar aos meus pais quando voltar para casa.’

‘Voltar para casa?’, perguntou Wendell. ‘Para quê? Aqui temos tudo o que precisamos.’

‘Eu gostaria de saber como é que isto funciona. Existe algum tipo de máquina que faz a mudança das estações?’

Wendell apontou para cima, através dos ramos, para o Sol. ‘Aquilo parece-te feito por uma máquina?’, perguntou. ‘Não sejas estúpido, Harvey. É tudo verdadeiro. Mágico, mas verdadeiro.’

‘Achas?’

‘Está demasiado calor para pensar’, respondeu Wendell. ‘Agora senta-te e cala-te.’ Arremessou uns álbuns de banda desenhada na direcção de Harvey. ‘Lê estes. Vê se encontras um monstro para esta noite.’

‘O que é que se passa esta noite?’

‘É a Noite das Bruxas, claro’, disse Wendell. ‘Todas as noites são Noites das Bruxas.’

Harvey deixou-se cair ao lado de Wendell, destapou a garrafa de limonada e desfolhou as histórias aos quadrinhos, pensando que talvez o amigo tivesse razão e que estava mesmo demasiado calor para pensar. No entanto, aquele lugar milagroso funcionava: parecia muitíssimo real. O Sol estava quente, a limonada estava fria, o céu estava azul, a relva estava verde. O que é que ele precisa mais de saber?

Mas, algures, no meio destas reflexões todas, Harvey deve ter passado pelas brasas, porque acordou com um sobressalto e descobriu que o Sol já não salpicava de luz a vegetação ao seu redor e que Wendell já não estava a ler ao seu lado.

Procurou a garrafa de limonada, mas ela caíra e o cheiro adocicado atraíra centenas de formigas: rastejavam para dentro e para fora da garrafa, algumas afogando-se devido à gula.

Assim que se levantou, Harvey sentiu a primeira brisa que soprava desde o início da tarde; e uma folha de bordo serrilhado caiu-lhe em espiral aos pés.

‘Outono...’, murmurou.

Até aquele momento, o Outono sempre lhe parecera a mais triste das estações do ano. Era o sinal de que o Verão acabava e que as noites iriam crescer e ficar mais frias; mas ali, de pé sob os ramos rangentes, pelos quais o vento passava e arrancava as folhas para criar um dilúvio dourado, ritmado pelo chocalhar das castanhas e bolotas caducas, ele saudou com risos a chegada dessa estação. Quando se afastou do arvoredo, tinha folhas na cabeça e nas costas – e chutava as que estavam no chão a cada passo que dava.

Enquanto subia os degraus até ao alpendre, Harvey viu nuvens pela primeira vez naquela tarde. Estas cobriram o Sol e a sombra fez com que a Casa de Férias, que ondulava como uma miragem na onda de calor da tarde, ganhasse, de repente, solidez e negritude. ‘És real’, disse ele, esbaforido, ao chegar ao alpendre. ‘És, não és?’

Riu-se da tolice que era falar para uma casa, mas a alegria

desvaneceu-se, quando uma voz – tão suave que ele nem sequer tinha a certeza de que a ouvira – lhe perguntou:

‘O que é que tu achas, rapaz?’

Harvey olhou em volta, mas não viu ninguém, nem no alpendre, nem nos degraus.

‘Quem está aí?’, perguntou.

Não teve resposta, mas isso até o deixou contente. Não tinha sido uma voz, disse para si mesmo. Tinha sido um ranger de tábuas, debaixo dos pés, ou o farfalhar das folhas secas sopradas pelo vento. Mesmo assim, entrou na Casa de Férias com o coração aos saltinhos, lembrando-se de que fazer perguntas não era uma coisa lá muito bem-vinda naquele sítio.

O que é que isso interessava, afinal de contas? O que é que interessava se era um lugar real ou um sonho? *Parecia* real e isso bastava.

Satisfeito com a conclusão, correu até à cozinha, onde a Senhora Griffin estava a encher a mesa com pratos cheios de guloseimas.